
ACESSIBILIDADE, INCLUSÃO E SAÚDE MENTAL: AS PERCEPÇÕES DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL SOBRE A AUDIODESCRIÇÃO NA TELEVISÃO

ACCESSIBILITY, INCLUSION AND MENTAL HEALTH: THE PERCEPTIONS OF VISUALLY IMPAIRED PEOPLE ABOUT AUDIO DESCRIPTION ON TELEVISION

Michele Negrini

Universidade Federal de Pelotas

Beatriz Regina Gomes Pereira

Universidade Federal de Pelotas

Ester Caetano

Universidade Federal de Pelotas

1

Resumo: Recursos de acessibilidade são fundamentais ao falarmos em inclusão na televisão e no telejornalismo. Tendo isso em vista, podemos considerar que a acessibilidade é um direito da pessoa com deficiência, possibilitando ter uma qualidade de vida, além de exercer seus direitos de cidadania. Por outro lado, a falta desse direito pode gerar sofrimentos e abalar a saúde mental daqueles que necessitam de algum recurso, dificultando a inclusão dessas pessoas nos meios sociais. Ao pensarmos em pessoas cegas ou com baixa visão, a audiodescrição se mostra como uma forma de acessibilidade que fornece bases para termos práticas televisivas mais igualitárias. Desta forma, este estudo tem como objetivo apresentar percepções de quatro pessoas com deficiência visual acerca da audiodescrição e de sua materialização no espaço televisivo. Além disso, propomo-nos a fazer algumas reflexões, em nível teórico, acerca da relação da acessibilidade com a saúde mental de PCDs. Como suporte metodológico, realizamos a pesquisa bibliográfica (Gil, 1999), além da coleta de dados que foi efetivada através de aplicação de questionário online para quatro pessoas cegas ou com baixa visão. Com a realização do estudo, constatamos que a audiodescrição é fundamental para que tenhamos uma sociedade mais igualitária e com amplo acesso aos meios de comunicação e que a falta do recurso pode atingir a saúde mental.

Palavras-chave: Inclusão; Acessibilidade; Audiodescrição; Saúde mental; Televisão.

Abstract: Accessibility resources are fundamental when we talk about inclusion on television and television journalism. With this in mind, it can be considered that accessibility is a right for people with disabilities, enabling them to have a quality of life, in addition to exercising their citizenship rights. On the other hand, the lack of this right can cause suffering and undermine the mental health of those who

need some resources, making it difficult for these people to be included in social circles. When we think about blind people or people with low vision, audio description appears as a form of accessibility that provides the basis for more egalitarian television practices. Therefore, this study aims to present the perceptions of four people with visual impairments about audio description and its materialization in television space. Furthermore, we propose to make some reflections, at a theoretical level, about the relationship between accessibility and the mental health of PWDs. As methodological support, we carried out bibliographical research (Gil, 1999), in addition to data collection, which was carried out through the application of an online questionnaire to four blind or visually impaired people. By carrying out the study, we found that audio description is essential for us to have a more egalitarian society with broad access to the media and that the lack of this resource can affect mental health.

Keywords: Inclusion; Accessibility; Audio description; Mental health; Television.

1 OLHARES INTRODUTÓRIOS

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), no Art. 4º, traz a seguinte definição: “Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades como as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação” (2019, p.12). Contudo, na vivência e na prática do cotidiano dessas pessoas, essa perspectiva nem sempre se evidencia. Os empecilhos, dificuldades e limitações implicam em uma defasagem no que diz respeito às oportunidades de inclusão e possíveis soluções de inserção na sociedade da pessoa com deficiência.

A falta de acessibilidade ou a pouca adesão de recursos que possibilitam uma vida mais dinâmica para as pessoas com deficiência (PcD) pode levar a sentimentos de inferioridade e incapacidade. Esses sentimentos, que muitas vezes não podem ser controlados, são potenciais para aumentar o risco de doenças que afetam a saúde mental, como a depressão. Murilo Feijó (2021, Web, s/p), em reportagem para o portal Minha Vida¹, traz explicação do psicólogo Ricardo Milito sobre o assunto e afirmar: “A nossa sociedade é estruturada e planejada majoritariamente para e por pessoas não deficientes. Dessa forma, pessoas com deficiência frequentemente não têm suas necessidades atendidas, o que gera grande frustração”. Ainda de acordo com a reportagem:

De acordo com uma análise realizada por psicólogas da Universidade Federal de Santa Catarina, a acessibilidade é um direito à vida e a sua falta gera não apenas a invisibilidade de PcDs na sociedade, mas também um

¹ Disponível em: <https://www.minhavidade.com.br/materias/materia-21559>. Acesso em: 3 de janeiro de 2023.

sofrimento que diminui o potencial de ação das pessoas e afeta sua saúde mental. Isso não por conta da deficiência, mas por causa da exclusão. (Feijó, 2021, S/P)

Na mesma linha de pensamento do texto de Feijó, texto de Fortunado (2023, s/p), publicado no site da APAE² Curitiba, salienta que: “A inclusão social é um direito humano fundamental [...]. Para as pessoas com deficiência, a inclusão social é uma necessidade crucial, visto que tem um impacto direto e profundo no seu bem-estar emocional e psicológico”. As palavras de Fortunato acenam para as dificuldades que pessoas com deficiência têm diante de um cenário desigual e não inclusivo. Fortunato ainda fala da inclusão social e enfatiza que com a atuação, de forma ativa, de pessoas com deficiência nos mais variados âmbitos da comunidade, há benefícios para a sociedade e, também, para o desenvolvimento emocional e social destas pessoas.

A partir dos argumentos apresentados a partir de Feijó (2021) e Fortunato (2023), cabe enfatizar que é necessário discutir sobre a inclusão nos meios de comunicação e sobre como eles podem ser ajustados para facilitar a vida cotidiana dos PcDs. Neste trabalho, focaremos na televisão, uma vez que ela ainda é o maior meio de difusão de conhecimento, apesar do crescimento da internet e das mídias digitais. Texto do site da RBS TV aponta dados de 2023 sobre a televisão: “Somente na televisão linear (aberta e paga), o consumo diário médio foi de 5 horas e 14 minutos, abrangendo 99,2% da população” (RBS TV, 2023, s/p).

Atualmente, a TV se caracteriza como um dos meios mais rápidos de transmissão da imagem. Sclarick (2009) declara que na era do audiovisual, para algo virar fato, precisa passar pela TV. Muitas pessoas têm a televisão como referência e, por essa razão, as ocorrências, os episódios e eventos, para se tornarem autênticos, precisam, muitas vezes, passar pelo espaço do audiovisual. Tendo em vista que a televisão possui suma importância na sociedade, é preciso incluir aqueles que possuem deficiência visual ou algum grau de perda visual para que tenhamos um mundo mais justo e igualitário, lembrando ainda que a falta de recursos de acessibilidade pode ser um fator que pode gerar problemas emocionais e psicológicos nestas pessoas. Em relação à saúde mental, é pertinente destacar Amorim (2016, p.33), ao relacionar o assunto com fatores individuais, sociais e culturais:

A saúde mental para cada pessoa é afetada por fatores e experiências

² Disponível em: <https://apaecuritiba.org.br/inclusao-social-pcd/>. Acesso em: 31 de out de 2024.

Negrini, Pereira e Caetano | Acessibilidade, inclusão e saúde mental: as percepções de pessoas com deficiência visual sobre a audiodescrição na televisão

individuais, interação social, estruturas sociais e os recursos e valores culturais. Ela é influenciada por experiências em todos os dias, nas famílias e nas escolas, nas ruas e no trabalho (Lahtinen et al., 1999). A saúde mental de cada pessoa, por sua vez, afeta a vida em cada um destes domínios e daí a saúde de uma comunidade ou população (WHO, 2004).

Portanto, é precípuo pensarmos em métodos e recursos que possam diminuir os impedimentos das pessoas com deficiência visual de terem acesso às atividades de entretenimento, diversão, conhecimento e informação, principalmente à televisão. É cabível acreditar que o desenvolvimento de recursos de acessibilidade no âmbito televisivo fornece suporte à inclusão e pode contribuir, inclusive, para a preservação da saúde mental de pessoas com deficiência. Como diz Carpes (2016, p.5): “Ao pensarmos na democratização dos processos e produtos comunicacionais, faz sentido pensarmos seriamente, e buscarmos alternativas para que públicos como o de pessoas com deficiência visual possam ter acesso aos conteúdos”.

Um dos recursos que ajudam na inclusão do audiovisual é a ferramenta Audiodescrição (AD). Diferentemente de uma narração simples, ela apresenta a função de traduzir, transformar e descrever imagens em palavras e pode ser utilizado em TV, filmes, seriados e novelas, além de peças de teatros, exposições etc. Scoralick (2017, p.28) argumenta sobre audiodescrição:

O recurso facilita o entendimento do que está sendo transmitido e principalmente o conhecimento das cenas onde as reportagens, entrevistas de estúdio, novelas, etc, são gravadas. O recurso torna mais acessível as informações transmitidas de maneira essencialmente visual.

Com base nesse recurso, o presente trabalho tem como objetivo apresentar percepções de quatro pessoas com deficiência visual acerca da audiodescrição e de sua materialização no espaço televisivo. Além disso, propomo-nos a fazer algumas reflexões, em nível teórico, acerca da relação da acessibilidade com a saúde mental de PCDs. Primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica (Gil, 1999), além da coleta de dados que foi feita através de aplicação de questionário online para quatro pessoas cegas ou com baixa visão.

2 INCLUSÃO, ACESSIBILIDADE E AUDIODESCRIÇÃO

Inclusão e acessibilidade são temas importantes ao se refletir sobre a constituição de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, Aranha (2001)

Negrini, Pereira e Caetano | Acessibilidade, inclusão e saúde mental: as percepções de pessoas com deficiência visual sobre a audiodescrição na televisão

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, v. 16, 2025

demarca que a inclusão adentra na perspectiva de integração, assinalando para o direito de pessoas com deficiência de acesso aos espaços comuns na vida em sociedade. Rubira e Negrini (2020) acrescentam: “Ou seja, para haver inclusão deve-se levar em conta um processo de ajustes e providências necessárias que possibilitem o acesso e a convivência no espaço comum entre pessoas com deficiência e pessoas que não apresentam deficiência” (Rubira e Negrini, 2020, p.4).

Lembrando que, para Scoralick (2017), a efetivação da inclusão é uma maneira de introdução do diferente nos diversos espaços da vida em sociedade, sendo que todos, independentemente de raça, etnia, orientação sexual, condição física e mental, deveriam ter os mesmos direitos e ocupar os mesmos espaços. Rubira e Negrini (2020) convocam o pensamento de Sasaki (2009) para destacar que a acessibilidade deve ser visualizada em todos os contextos da vida humana, sendo a audiodescrição uma ferramenta importante de acessibilidade para o público com deficiência visual no âmbito dos meios de comunicação e da televisão. Dessa maneira, a audiodescrição vai além de uma simples narração. No caso da televisão, ela é uma ferramenta que faz uso da descrição a partir de determinadas imagens que aparecem na tela para a ocorrência de maior potencial de compreensão por parte das pessoas com deficiência. Conforme Scoralick: “A audiodescrição é considerada uma tradução, mas não entre línguas. Ocorre entre meios semióticos diferentes, do visual para o verbal oral [...] A ideia é proporcionar uma representação mental correta do que está sendo repassado no evento imagético”. (Scoralick, 2017, p.60).

A audiodescritora Lívia Motta, em entrevista para Carolina Huertas, do site meio&mensagem, analisa a importância do recurso para as pessoas com deficiência visual:

Audiodescrição é um recurso de acessibilidade comunicacional que amplia muito o entendimento das pessoas com deficiência visual naquilo que assistem, seja um espetáculo, um produto audiovisual, um evento, em sites, etc. Ela é a tradução das imagens em palavras, então você percebe quantas imagens estão disponibilizadas em um site, nas redes sociais, na divulgação de notícias, de produtos e aí a pessoa que tem deficiência visual fica com o acesso a informação, que é prejudicado devido a essa barreira comunicacional. Então, a audiodescrição vem para possibilitar esse acesso ao mundo imagético por meio das palavras. (Motta, 2022, s/p)

O pensamento de Lívia Motta (2022) aponta para a reflexão acerca dos obstáculos que se materializam no processo de compreensão de produtos televisivos

por pessoas com deficiência visual. A audiodescritora salienta:

Os maiores desafios da acessibilidade hoje é realmente derrubar essas barreiras comunicacionais. A primeira barreira que aponto é [...]: o conhecimento pequeno que as pessoas em geral têm sobre as pessoas com deficiência, as formas de acesso, os recursos de acessibilidade que já existem de tecnologia assistiva. Não é a deficiência que limita, cerceia e impede, mas é a falta dos recursos de acessibilidade para que as pessoas com deficiência possam trabalhar, se divertir, ter acesso às informações, à escola, a todos os contextos em igualdade de condições. (Motta, 2022, s/p)

Nesse sentido, cabe convocar o pensamento de Scoralick (2017) para enfatizar que a audiodescrição dá suporte na produção de sentidos e no entendimento de elementos visuais, possibilitando mais percepções acerca dos conteúdos que estão sendo transmitidos.

[...] a audiodescrição desperta novas sensações e recupera informações que ficam perdidas quando o recurso de acessibilidade não é utilizado nos gêneros televisivos. O recurso facilita o entendimento do que está sendo transmitido e principalmente o conhecimento das cenas onde as reportagens, entrevistas de estúdio, novelas, etc, são gravadas. O recurso torna mais acessível as informações transmitidas de maneira essencialmente visual. (Scoralick, 2017, p.28)

Apesar da relevância da audiodescrição no âmbito televisivo, sabemos que ela ainda não é amplamente efetivada no Brasil, principalmente quando se fala em telejornalismo. Por essa razão, a partir da importância da acessibilidade nos mais diversos espaços e ambientes, como nos meios de comunicação, consideramos que a pouca efetividade da audiodescrição imputa na existência de desigualdades no acesso a informações, gerando distâncias, assim, dos princípios de uma sociedade mais igualitária.

3 AUDIODESCRIÇÃO NA TELEVISÃO

Em 1983, a rede de televisão japonesa NTV inaugurou o uso do recurso nas telinhas e deu o pontapé inicial na adoção e prática da audiodescrição no meio televisivo, exibindo a primeira experiência de conteúdo audiodescritivo em sua programação. A partir disso, ainda nos anos 80, algumas emissoras espanholas pertencentes à rede aberta da televisão da Catalunha aderiram à tecnologia assistiva. Entretanto, foi só em 1990, nos Estados Unidos, que a audiodescrição foi deslanchar, sendo impulsionada pela produção da empresa Media Access Group, chegando à TV britânica quatro anos depois. Segundo Santos (2015, p.80): “(...) hoje, os principais

Negrini, Pereira e Caetano | Acessibilidade, inclusão e saúde mental: as percepções de pessoas com deficiência visual sobre a audiodescrição na televisão

países que investem na audiodescrição na televisão, no cinema e teatro são os Estados Unidos, o Canadá, a Argentina, França, Alemanha, Bélgica, Espanha, Inglaterra e Austrália.”

Na televisão aberta brasileira, a implementação do recurso de audiodescrição é obrigatória por lei desde 2011. Baseada na chamada Lei da Acessibilidade (Lei 10.098, de 2000) e regulamentada pela portaria nº 188, de 2010, ambas instituíram que as emissoras deveriam exibir uma quantidade mínima de horas semanais de conteúdo com audiodescrição, que aumentaria progressivamente com o passar dos anos, sendo “(...) quatro horas em julho de 2013, seis em julho de 2015, oito horas semanais em julho de 2017, e assim sucessivamente, até alcançar as 20 horas semanais até julho de 2020.” (Scoralick, 2017, p. 73).

Em relação à TV brasileira, segundo informações do artigo intitulado “Mídias do conhecimento: um retrato da audiodescrição no Brasil”, publicado no ano de 2010, de Elton Vergara Nunes, Gertrudes Dandolini, João Artur de Souza e Tarcísio Vanzin, e do livro “Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras”, também publicado em 2010, de Livia Motta e Paulo Romeu Filho, a série “Vida em Movimento II” foi o primeiro programa exibido com a tecnologia assistiva na televisão, de novembro de 2008 a janeiro de 2009, na TV Cultura, enquanto outro importante marco televisivo foi o lançamento do primeiro comercial com audiodescrição veiculado pela Natura, da linha infantil Natura Naturé, no ano de 2008. De acordo com Rezende (2014, p. 13-14):

(...) Depois disso, a empresa ainda exibiu os seguintes comerciais: *Natura Mamãe e Bebê* e *Natura Kaiak* (2009); *Natura Naturé Banho de Gato* (2010). Outros comerciais audiodescritos na TV aberta brasileira foram: *Iguais na diferença*, campanha da Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH), com AD, legendas e LIBRAS, em 2009; Fundação Dorina Nowill e Avape (Associação para Valorização de Pessoas com Deficiência), em 2010 e 2012 respectivamente.

A primeira novela brasileira com audiodescrição “Todas as Flores”, que teve sua estreia na Globo Play no dia 19 de outubro de 2022, escrita pelo autor João Emanuel Carneiro, se tornou um grande exemplo de inclusão. Além disso, foi ao ar no dia 4 de setembro de 2023 como telenovela das Onze na grade da Rede Globo.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), do IBGE de 2019, 17,3 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência, sendo que aproximadamente 7 milhões destes possuem deficiência visual. Ainda segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há a estimativa de que, em 2019, 96,3% dos lares brasileiros possuíam televisão. Sendo assim, é cabível ponderar que a TV ainda é consolidada como um poderoso meio de comunicação de massa no Brasil. Desta forma, a implementação da audiodescrição nas grades dos canais abertos promove a inclusão deste público, tornando a TV mais democrática e acessível. Segundo Souza-Fukui (2020, p.267):

Seemann (2019) e Franco e Silva (2010) apontam os benefícios provenientes daquele evento (áudio-descrição) explicando que à medida em que as pessoas se sentem mais integradas com o mundo visual, ganham maiores condições de conversar com outras pessoas sobre os filmes, teatros e eventos diversos. Em geral, passam a expressar as suas opiniões, podendo sugerir e travar possíveis diálogos com as pessoas videntes, e tal feito poderá ter impactos salutareos para o desenvolvimento e transformação daquilo que elas pensam sobre si mesmas, sobre os outros e – em especial – sobre o mundo que é essencialmente visual. Neste sentido, sinalizamos que a áudio-descrição, além de ser uma TA, poderá ter a função das transformações de tantas e possíveis representações.

Nesse sentido, é necessário construir um novo viés acerca da audiodescrição e seus estudos, isto é, pensar no recurso atrelado à saúde mental e à saúde física do indivíduo com deficiência visual. É importante, então, buscar entender de maneira mais profunda quais são os impactos causados pela adoção do recurso na televisão bem como no dia a dia de telespectadores não videntes. Para além de um recurso de acessibilidade, é possível compreender a audiodescrição na TV como um potente agente transformador psicossocial, uma vez que sua disponibilização promove a autonomia, a autoestima e o bem-estar de pessoas com deficiência visual.

4 PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS E ANALÍTICAS

Para o desenvolvimento deste trabalho, primeiramente, realizamos uma pesquisa bibliográfica (Gil, 1999), que foi desenvolvida com o apoio de livros e artigos científicos. “Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fonte bibliográfica” (Gil, 1999, p.50). E para a verificação das percepções de quatro pessoas³ com deficiência visual acerca da audiodescrição e de sua aplicação no espaço

³ Os participantes da pesquisa foram indicados por profissionais da Escola Louis Braille de Pelotas. O número de quatro se deu devido a apenas quatro pessoas, entre as indicadas e contatadas, aceitarem participar do estudo.

televisivo, optamos pela aplicação de um questionário, que é definido por Gil (2008, p.121) como:

[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto-aplicados.

O questionário aplicado foi formulado com perguntas abertas, dando liberdade de falar aos quatro participantes. O contato com os quatro integrantes da pesquisa se deu de forma virtual, através de redes sociais ou e-mail. Dessa maneira, foi enviado um documento no formato Google Forms para preencher o questionário e foi solicitado que assistissem a uma série de reportagens⁴ levada ao ar no Jornal do Almoço, da RBS TV – afiliada da Rede Globo, com audiodescrição. Para preservação da identidade dos participantes da pesquisa, optamos pela não identificação deles no decorrer do processo analítico. Assim, serão chamados de A, B, C e D.

Dessa maneira, o presente questionário foi composto por dezessete questões⁵. Num primeiro momento, quinze indagações foram aplicadas. Com o decorrer do desenvolvimento do estudo, foi verificada a importância de introduzir mais dois questionamentos. Na segunda rodada de aplicação do questionário, não conseguimos contato com dois participantes, o B e o C. Sendo assim, as questões 16 e 17 foram respondidas somente por A e D. Após a sua aplicação, as respostas foram estudadas e refletidas e, também, foram confrontadas com a pesquisa bibliográfica realizada no decorrer do estudo, sempre visando aprofundar as reflexões sobre audiodescrição no espaço televisivo e, também, das relações da acessibilidade com a saúde mental.

Entre as 15 primeiras questões efetuadas, cabe destacar: “Você conhece o recurso da audiodescrição?”. “Se sim, qual é tua opinião sobre a audiodescrição na televisão brasileira?”; “Para a realização de uma tradução das imagens em palavras,

⁴ A série de reportagens foi trazida para a pesquisa e indicada para que os participantes assistissem devido a ser um produto produzido pela RBS TV, que é gaúcha e com proximidade geográfica em relação ao público do Rio Grande do Sul. E, também, por conhecermos poucas experiências com audiodescrição no âmbito do jornalismo televisivo. Cabe ressaltar, também, que apesar de termos indicado uma experiência telejornalística para os participantes da pesquisa, abarcamos a TV, de forma geral, em nossa discussão.

⁵ As questões foram formuladas pensando na audiodescrição na televisão, de forma geral (pois achamos fundamental abarcar a TV como um todo) e, também, especificamente, no telejornalismo.

que pontos achas que precisam ser considerados para que ocorra o amplo entendimento do discurso imagético?”; “Você nasceu com deficiência visual ou adquiriu durante a vida?”; “Você acha importante que as cores sejam detalhadas na audiodescrição? Se sim, de que forma?”; “Você sente falta da audiodescrição no telejornalismo? Em quais momentos?”; “O que você considera importante para que uma audiodescrição no telejornalismo seja plenamente satisfatória?”⁶.

Já as outras duas questões que foram propostas no segundo contato com os participantes tiveram um cunho mais investigativo acerca da saúde mental, sendo elas: 16- “Recursos de acessibilidade, especialmente a audiodescrição, proporcionam mais autonomia para as pessoas com deficiência visual diante do consumo de conteúdos televisivos. Desta forma, a ausência de acessibilidade na televisão e no telejornalismo, especificamente de audiodescrição, pode ser um fator que afeta a saúde mental de pessoas com deficiência visual?”; 17 - “Você identifica que a falta de audiodescrição pode ser um fator prejudicial para a sua saúde mental? E como você avalia isso? Achas que a falta de audiodescrição traz mais dependência em relação a outras pessoas na hora de consumir produtos audiovisuais? Como a AD pode ajudar na sua autoestima?” Sendo assim, com base nas respostas dos participantes, identificamos e observamos alguns aspectos, que cabem ser evidenciados. Vamos abordar os olhares analíticos baseado em quatro eixos⁷: Relações dos Participantes do Estudo com Audiodescrição; A Realização da Audiodescrição na TV; Audiodescrição e Telejornalismo; Acessibilidade, Audiodescrição e Saúde Mental

4.1 RELAÇÕES DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO COM AUDIODESCRIÇÃO

Muitas vezes, como diz Freire (2024), a técnica da audiodescrição não é de conhecimento de todas as pessoas cegas. “Desta forma, urge dar a conhecer o que é a audiodescrição para que mais agentes culturais a possam vir a utilizar e mais pessoas com deficiência visual possam usufruir dela” (Freire, 2024, p.18). A partir do pensamento da autora, para começar a pesquisa, achamos relevante saber sobre o entendimento dos participantes acerca do recurso em questão.

⁶ Das 15 primeiras perguntas aplicadas, ressaltamos, aqui, as que têm mais afinidade com o foco deste artigo.

⁷ Os eixos foram traçados a partir de evidências que se destacaram nas respostas dos questionários.

Assim, em relação à questão “Você conhece o recurso da audiodescrição?”, A, B e D responderam “SIM”, somente C apontou: “talvez”. Já no questionamento: “Se sim, qual é tua opinião sobre a audiodescrição na televisão brasileira?”, foi evidente a insatisfação dos integrantes do estudo em relação ao recurso no meio televisivo. Ao visualizarmos a insatisfação dos participantes da pesquisa em relação ao recurso da audiodescrição, verificamos um cenário preocupante, pois, como diz Scoralick (2017), a audiodescrição é um recurso que facilita o entendimento e a compreensão do conteúdo visual que está sendo transmitido. Nesse sentido, deficiências na efetivação do recurso acenam para problemas na concretização da acessibilidade.

Em relação às respostas, A e B ressaltaram que o recurso é bastante encontrado em filmes. O primeiro participante salienta o seguinte: “Ainda há poucas opções de programação com audiodescrição. Na TV aberta é mais comum o recurso à exibição de filmes. Mesmo assim, é muito simplificada, falta detalhamento para plena compreensão das informações imagéticas”. Já o participante B, além de falar da presença da audiodescrição em filmes na TV Globo, destaca que programas que podem ser considerados chaves na emissora não possuem audiodescrição: “Tem melhorado razoavelmente em um nível aceitável. A Rede Globo tem colocado esse recurso praticamente em todos os programas de filmes. Contudo, em certos programas importantes da emissora não encontramos, como no Fantástico, Big Brother Brasil, dentre outros. Além disso, também é preciso ver em outros canais abertos, como Record e SBT. Todavia, a audiodescrição da Globo em relação aos filmes vem melhorando a cada ano”. Na resposta é perceptível que ele sente falta do recurso de acessibilidade em mais programas da emissora, porém visualiza melhorias em sua qualidade quando o assunto é aplicação à sétima arte.

Dessa forma, ao nos depararmos com uma resposta que demarca a falta da audiodescrição, é importante lembrar, conforme a citação de Scoralick (2017) sobre o tema: “A Lei da Acessibilidade institui que as emissoras devem exibir um número mínimo de horas semanais com audiodescrição, chegando a 20 horas em 2020.”

A resposta de C declara que: “o pouco que conheço, muitas vezes, cria confusões, pois mistura as vozes da audiodescrição com a do autor”. A resposta demonstra que a audiodescrição e sua aplicabilidade ainda precisam ser estudadas, refletidas e terem maior difusão. Nessa perspectiva, cabe retomar o pensamento de

Aranha (2001), citado anteriormente, no qual o autor assinala que a inclusão está relacionada à integração e que as pessoas com deficiência têm direito de acesso aos espaços comuns na vida em sociedade.

Já a resposta de D demarca a necessidade de constante aprimoramento das ferramentas de acessibilidade. Ele salienta que a audiodescrição, na sua perspectiva: “se encontra num estágio deficitário, necessitando de mais empenho por parte das produtoras e fiscalização dos órgãos competentes para uma melhor disponibilização de conteúdos acessíveis para o público”. Dessa forma, a resposta de D vislumbra a carência de mais estudos sobre o assunto e, por conseguinte, do desenvolvimento de tecnologias assistivas. A partir da resposta desse participante, cabe convocar as ideias de Rubira e de Negrini (2020), já citadas neste trabalho, de que, para acontecer a inclusão, é importante haver ajustes e providências para a ocorrência do acesso e da convivência no espaço comum entre pessoas com deficiência e as demais pessoas.

4.2 A REALIZAÇÃO DA AUDIODESCRIÇÃO NA TV

Em relação à audiodescrição na TV, é pertinente discorrer que ela deve ser efetivada levando em consideração aspectos e parâmetros para que fique adequada ao entendimento dos espectadores com deficiência visual. Nesta seara, Renata e Martins (2021, p.2), no “Tutorial de audiodescrição: dicas e orientações”, apontam que, para que os conteúdos imagéticos sejam acessíveis, é necessário aplicar recursos, como a audiodescrição e, na elaboração da audiodescrição, detalhes precisam ser levados em consideração para que o trabalho fique claro e adequado.

Assim, sobre uma questão relacionada aos pontos que precisam ser levados em consideração ao realizar a tradução de imagens em palavras para que ocorra um amplo entendimento por parte de pessoas com deficiência visual, os participantes da pesquisa acentuaram a necessidade do destaque às partes mais relevantes do conteúdo a ser transmitido, ausência de subjetividades, descrição mais objetiva e o ritmo da descrição não ser monótono. Cabe destacar as respostas de A e B:

A - Elencar as informações mais relevantes e coerentes com o conteúdo para que a compreensão entre o que é ouvido e mostrado façam sentido ao imaginar as informações que a audiodescrição revela.

B - Primeiro jamais colocar subjetividade. A descrição precisa falar sobre os fatos e elementos da imagem, não informar se é bonito e/ou feio, a

interpretação cabe ao espectador cego. Por isso é importante descrever as partes mais significativas - até porque é impossível dar uma descrição completa, e as emoções/entendimento deixar por cargo do cego(a)

As respostas de A e B adentram na complexidade da realização da audiodescrição e demonstram, justamente, o que diz Scoralick (2017) que a audiodescrição é uma tradução entre meios semióticos diferentes, voltada a proporcionar uma representação mental do que está sendo mostrado de forma imagética.

4.3 AUDIODESCRÇÃO E TELEJORNALISMO

Como dizem Negrini, Lages e Caetano (2020, p.345): “A audiodescrição é uma ferramenta fundamental de acessibilidade e de inclusão de pessoas com deficiência visual no contexto do telejornalismo”. O recurso é um fator que proporciona mais igualdade no momento da contemplação dos noticiários televisivos e não pode deixar de ser investigado.

Em relação ao telejornalismo, ao serem questionados com a seguinte pergunta: “Você sente falta da audiodescrição no telejornalismo? Em quais momentos?”, os participantes A e B salientaram que o recurso faz falta, cabendo destacar a resposta de B, o qual ressalta sentir que o telejornalismo carece da descrição da imagem em palavras nos mais diversos momentos: “Sinto falta em todos. É um direito da pessoa com deficiência ser incluída em qualquer campo. Por isso, deveria ter nos meios jornalísticos a fim de entendermos algumas cenas, como, por exemplo, uma operação da polícia, ou qualquer outra coisa”.

Já o participante C diz se sentir confuso com a audiodescrição e o D afirma: “Não totalmente, acho mais necessário em momentos em que não há nenhum tipo de voz na imagem, permanecendo somente uma sonora”. Dessa forma, a resposta D enfatiza que a audiodescrição no telejornalismo deve ser aplicada em momentos adequados, não havendo, assim, a sobreposição com os offs e com as sonoras. Ao responder a seguinte questão: “O que você considera importante para que uma audiodescrição no telejornalismo seja plenamente satisfatória?”, o participante A salienta a importância das cenas que têm imagens significativas para a matéria serem

audiodescritas, o que, em sua opinião, é fundamental para que a pessoa que não enxerga consiga receber a mensagem com a emoção proporcional aos acontecimentos.

Já B salienta a importância da descrição das imagens que não estão sendo visualizadas pelos espectadores com deficiência visual e afirma: “Narrar e descrever imagens as quais, naturalmente, não estamos vendo”. O participante C afirma que a audiodescrição precisa ser menos confusa, enquanto o D ressalta que o recurso precisa fazer uma descrição lógica dos acontecimentos que estão sendo levados ao ar. Aqui, ao observarmos a resposta de C, adentramos no pensamento de Amorim, Pereira e Soares (2018) de que a audiodescrição é uma modalidade de tradução dotada de complexidades.

Em uma questão bem específica sobre a audiodescrição no telejornalismo: (que pontos você acha que precisam ser contemplados no processo de audiodescrição no telejornalismo?), a resposta de B cabe ser ressaltada: “Deve ser visto sempre na perspectiva de um cego. Se fechar os olhos e não entender direito, ou ficar em dúvida numa exibição, sinal que precisa de descrever”. As palavras de B evidenciam a necessidade de nos colocarmos no lugar do outro, assim como pensarmos nas necessidades de todos diante dos meios de comunicação. Só assim poderemos ter meios de comunicação mais igualitários, sendo voltados a todos os espectadores. Entretanto, A e D deram respostas contemplando pontos mais técnicos. A destacou a importância de audiodescrição de características físicas dos profissionais de TV e de locais apresentados nas matérias. D relatou ver a importância das descrições das imagens nos momentos em que apareçam só imagens, sem falas dos jornalistas. Já na opinião de C, primeiro deveria ocorrer a audiodescrição para depois ser dada a notícia.

4.4 ACESSIBILIDADE, AUDIODESCRIÇÃO E SAÚDE MENTAL

Texto publicado no site do Centro de Oftalmologia Avançada aponta: “Muitas vezes, a baixa acuidade da visão ocasiona o isolamento social do paciente, deixando-o depressivo, desmotivado e sem interesse em realizar coisas simples do cotidiano, como conversar com as pessoas, ouvir uma música ou mesmo se alimentar

corretamente” (2022, s/p). As informações do site convocam olhares para pensarmos em saúde mental e deficiência visual. O site do Centro de Oftalmologia Avançada ainda aborda que problemas na saúde mental podem afetar a visão:

Que a baixa acuidade visual afeta a saúde mental, isso já está mais que comprovado. Contudo, os efeitos contrários também são possíveis. Ou seja, indivíduos que tenham problemas como depressão, insônia, ansiedade ou estresse podem desenvolver alterações visuais significativas. Em momentos de tensão, uma série de reações é desencadeada no organismo. A liberação de hormônios como o cortisol descontrola outras funções no nosso corpo, proporcionando o desequilíbrio de doenças como diabetes e hipertensão, que são capazes de afetar diretamente a saúde ocular. (Centro De Oftalmologia Avançada, 2022, s/p)

Estudar a relação da saúde mental com a deficiência visual é um fator importante. Assim, a partir das repostas do questionário aplicado neste estudo, como já foi abordado, as duas últimas indagações efetuadas entre os participantes da pesquisa foram voltadas à observação da relação acessibilidade e saúde mental. Neste espectro, ao problematizarmos acerca da ausência da acessibilidade e da possibilidade de afetar a saúde mental de pessoas com deficiência, o entrevistado A afirmou que não afeta sua saúde mental, mas que dificulta o consumo da TV aberta. O participante ainda citou que outros espaços que oferecem recursos audiovisuais com acessibilidade podem se mostrar como alternativas, mas que nem todas as pessoas têm acesso a eles.

A- Eu acho que não chega a afetar a saúde mental a ausência do recurso da audiodescrição na televisão, mas, no meu caso, diminui bastante o consumo do conteúdo em TV aberta, busco sempre em *streaming* onde há mais conteúdo com recurso de audiodescrição, como filmes e séries. Agora, recentemente, a Globo lançou uma novela que aborda a temática da deficiência visual com recurso da audiodescrição, mas está disponível apenas no aplicativo. Então, penso que entre pessoas com deficiência visual vai haver uma compensação do consumo de conteúdo audiovisual através dessas plataformas invés da televisão, e esse prejuízo na saúde mental, acredito que não vai acontecer porque as pessoas vão buscar o recurso que oferece acessibilidade para elas. E as pessoas com deficiência visual que não têm condições de assinar esses serviços, geralmente recorrem ao auxílio de amigos e parentes para descrever alguma cena que não têm entendimento claro, como sempre aconteceu desde que a cegueira existe.

Já o entrevistado D diz acreditar que a falta de audiodescrição pode atingir a saúde mental de pessoas com deficiência visual, pois remete à exclusão e ainda gera frustrações neste público. Em relação à questão: “Você identifica que a falta de audiodescrição pode ser um fator prejudicial para a sua saúde mental? E como você

avalia isso? Achas que a falta de audiodescrição traz mais dependência em relação a outras pessoas na hora de consumir produtos audiovisuais? Como a AD pode ajudar na sua autoestima?”, o participante A assinala que a audiodescrição oferece autonomia aos que possuem deficiência visual, mas que a falta dela não chega a afetar a saúde mental. Já em relação à autoestima, ele acredita que a audiodescrição pode dar suporte à socialização, “[...] porque uma pessoa com deficiência visual pode consumir o produto audiovisual sem precisar ficar perguntando, o que desgasta, muitas vezes, a relação com amigos e familiares”.

O entrevistado D diz não identificar prejuízos para sua saúde mental com a falta da audiodescrição, mas vê como fundamental a presença do recurso, pois é uma alternativa que deve ficar disponível para escolha de cada pessoa. Aqui, cabe mencionar o pensamento de Amorim (2016), citado no decorrer do trabalho, que aborda a saúde mental e a sua relação com fatores individuais, sociais e culturais. Desta forma, ressaltamos a importância de recursos de inclusão para o bem da sociedade como um todo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

16

Falar sobre inclusão e acessibilidade é evocar perspectivas fundamentais para termos uma sociedade mais igualitária, possibilitando o rompimento das barreiras que se mostram no cotidiano das pessoas. Dessa maneira, ao refletir sobre os meios de comunicação e, principalmente, a televisão, não podemos deixar de pensar em recursos de inclusão.

No caso da TV, é possível efetivar a acessibilidade através do uso de recursos como janela de Libras, legendas ocultas e audiodescrição, foco deste estudo. É importante levar em consideração os investimentos das emissoras bem como a aplicação das leis da acessibilidade, além de estudos na faculdade de Jornalismo. Sendo assim, a partir da importância do tema, neste artigo buscamos verificar e apresentar percepções de quatro pessoas com deficiência visual acerca da audiodescrição e de sua materialização na televisão. Procuramos, também, trazer algumas reflexões, em nível teórico, acerca da relação da acessibilidade com a saúde mental de PCDs através da realização de coleta de dados e da aplicação de um

Com a observação das respostas dos quatro participantes ao questionário, foi possível constatar que ainda temos um longo percurso de aprimoramento sobre a audiodescrição na TV, principalmente, no telejornalismo. Além disso, cabe salientar que, de forma geral, observamos a ocorrência de insatisfação em relação à audiodescrição na televisão brasileira. Um ponto destacado foi a presença de audiodescrição em filmes e não tanto em outros programas televisivos, sendo que, em muitos casos, a audiodescrição é confusa, já que apresenta a concorrência do áudio do programa com a voz da descrição.

Levando esses parâmetros em consideração, também cabe destacar que a falta de audiodescrição pode atingir a saúde mental por gerar frustrações. Além disso, cabe destacar que a falta de audiodescrição pode afetar a autoestima da pessoa cega ou com baixa visão, podendo ser um impedimento à socialização destas pessoas.

Portanto, ao longo da produção do presente trabalho, identificamos, de forma geral, certa escassez de estudos e conteúdos que relacionam diretamente a audiodescrição à saúde mental de pessoas com deficiência visual, ou seja, consideramos este estudo com ampla pertinência, pois traz uma discussão que carece de aprofundamentos e que é fundamental para as sociedades.

Dessa forma, através da aplicação do questionário aos participantes PCDs, notamos que algumas respostas parecem mais distantes da existência desta correlação “audiodescrição-saúde mental”, como se eles nunca tivessem refletido sobre o assunto antes, já que o tema não costuma ser amplamente abordado. Por essa razão, compreendemos que o envolvimento de profissionais de outras áreas, como psicólogos e psiquiatras, é de extrema importância para desenvolver a pauta com maior propriedade no que diz respeito às questões psicológicas e psicossociais.

Conforme analisamos, as opiniões das pessoas com deficiência visual em relação ao assunto são diversas. Por essa razão, mais do que nunca, é necessário exercitarmos a escuta, fator que permeia a base do presente artigo desde o início, como aponta a metodologia utilizada. Nesse sentido, é primordial que as vozes dos consumidores finais da audiodescrição sejam ouvidas com o objetivo de ter um olhar mais atento sobre a acessibilidade.

Assim, concluímos que a ideia deste artigo, antes de tudo, é plantar uma semente para que possamos pensar a audiodescrição de outra forma, passando a

entendê-la não somente como ferramenta de acessibilidade, mas também como importante fator de mudança social que impacta na vida das pessoas todos os dias. Dessa forma, é possível entender que quando buscamos transformar as estruturas de uma sociedade, promovendo a inclusão, também atingimos o indivíduo no âmbito pessoal de forma positiva, influenciando nas questões de autoestima, autopercepção e saúde mental.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Érico Gurgel. **Saúde mental de sujeitos com deficiência visual sob a ótica dos determinantes sociais de saúde**. Rio Grande do Norte, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/21749/1/ErigoGurgelAmorim_DISSE RT.pdf?fbclid=IwAR2iXOyAMulpuxNJgXXtD2tlvN4sib1fVVmxp6RIImT87pHiCGBaDw_S-EgY. Acesso em: 22 dez. 2022

AMORIM, Patrícia Amorim de; PEREIRA, Lucia Maria Cruz; SOARES, Adriany Thatcher Castro. **AUDIODESCRIÇÃO: PERSPECTIVAS PARA A ESCOLA INCLUSIVA**. Bahia, 2018. Disponível em: <https://encuentros.virtualeduca.red/storage/ponencias/bahia2018/XGrPHmp9Lt tXf6bBDUPMM 0SWkfh3viJKxY9kc9wW.pdf>. Acesso em 19. Nov. 2023.

ARANHA, Maria Salete Fábio. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, Marília, nº 21, 2001.

BRASIL. **Norma Complementar nº 01/2006**. Portaria nº 188, de 24 de março de 2010. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/443-portaria-188>. Acesso em: 17 jan. 2022.

BRASIL, **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 17 jan. 2022.

CARPES, Daiana Stockey. **Audiodescrição: práticas e reflexões**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

CENTRO DE OFTALMOLOGIA AVANÇADA. Saúde ocular melhora a saúde mental?. Disponível em: <https://www.coa.com.br/saude-ocular-melhora-saude-mental/>. Acesso em 31 out. 2024.

CPL. **Lei da Audiodescrição para TV aberta e à cabo, 10.098**. Disponível em: <https://cpl.com.br/lei-da-audiodescricao-para-tv-aberta-e-a-cabo-10-098>. Acesso em: 02 dez. 2022.

ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. – 3. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

FEIJÓ, Murilo. **Falta de acessibilidade afeta a saúde mental de PcD**. 2021. Disponível em: <https://www.minhacidade.com.br/materias/materia-21559>. Acesso em: 3 de janeiro de 2023.

Freire, C. (2024). **EXPANDIR O ACESSO ÀS ARTES: BOAS PRÁTICAS DE AUDIODESCRIÇÃO EM TEMPOS DE CONFINAMENTO**. *Revista Conhecimento Online*, 2. <https://doi.org/10.25112/rco.v2.3850>

FORTUNATO, Paulo. **Inclusão Social**: promovendo o bem-estar emocional e psicológico das pessoas com deficiência. Disponível em: <https://apaecuritiba.org.br/inclusao-social-pcd/>. Acesso em: 31 de out de 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, Denyse Moreira; BARBOSA, Luciane Maria Molina. Audiodescrição como recurso de apropriação dos signos visuais por adultos cegos. **Revista Intraciência**, n. 19, jun. 2020. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20200522115804.pdf. Acesso em: 02 dez. 2022.

IBGE. **CENSO 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.[A8] **PNS 2019**: país tem 17,3 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. Agência de Notícias IBGE, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31445-pns-2019-pais-tem-17-3-milhoes-de-pessoas-com-algum-tipo-de-deficiencia>. Acesso em 12 dez. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD contínua**: acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 12 dez. 2021.

MOTTA, Lívia. **A importância da audiodescrição para a acessibilidade na comunicação**. Entrevista concedida a Carolina Huertas. meio & mensagem. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2022/02/25/a-importancia-da-audiodescricao-para-a-acessibilidade-na-comunicacao.html>. 25. Fev. 2022. Acesso em: 11 de outubro de 2022.

NEGRINI, Michele; LAGES, Milene.; CAETANO, Ester. IMAGENS SOB DESCRIÇÃO DO TELEJORNALISMO: A AUDIODESCRIÇÃO NA CAMPANHA “DESAFIO FARROUPILHA - OLHOS DO CORAÇÃO”. **Communitas**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 345–356, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/3926>. Acesso em: 31 out. 2024.

PESQUISA Brasileira de Mídia: Hábitos de Consumo de Mídia pela população brasileira. **Secretaria de Comunicação Brasileira**, 2016. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>

RENATA, Isabella; MARTINS, Anderson. **Tutorial de audiodescrição**: dicas e

orientações. Disponível em: <https://www.ufmg.br/nai/wp-content/uploads/2021/10/Tutorial-Audiodescri%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso de 21 de out de 2024.

REZENDE, Gabriela Del Rio de. **Inclusão na TV: audiodescrição de filmes publicitários e a relevância da informação**. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2014, 79 f. Dissertação de mestrado. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16460/1/2014_GabrielaDelRiodeRezende.pdf. Acesso em: 03 dez. 2022.

RUBIRA, J. P. ., & NEGRINI, M. . (2020). DESCREVENDO IMAGENS: UM ESTUDO SOBRE A AUDIODESCRÇÃO COMO FERRAMENTA DE ACESSIBILIDADE NO TELEJORNALISMO. *TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA (ISSN: 2358-212X)*, 9(2). Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3842>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

RBS TV. “**Telinha**” continua sendo uma das principais alternativas para consumir audiovisual. 2023. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/conteudosdenegocios/31/como-o-brasileiro-assiste-a-televisao>. Acesso em 27 de out. de 2024.

SANTOS, Larissa Nascimento dos. A implantação da audiodescrição como ferramenta do desenho universal em meios de hospedagem. **Revista Campo do Saber**, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/6>. Acesso em: 03 dez. 2022.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, 2009

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão** – construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCORALIK, Kelly. **Audiodescrição no telejornalismo**: a inclusão das pessoas com deficiência visual por meio da descrição das imagens, 2009. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3146-1.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2023.

SCORALICK, Kelly. Por uma TV acessível: a audiodescrição e as pessoas com deficiência visual. 2017. 197 f. **Tese** (Doutorado em Comunicação da Escola de Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SCORALICK, Kelly. Telejornalismo e acessibilidade: um olhar para o outro com deficiência. **Anais XXXVIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Palhoça, 2016.

SOUZA, Ivan Vale de. Audiodescrição: o que é? Como se faz?. **Revista EDAPECI**, v. 17, n. 3, p. 34-45, set./dez. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6711168>. Acesso em: 25 jun. 2021.

SOUZA-FUKUI, Regiane Cristina de. Áudio-Descrição: uma possibilidade em Tecnologias Assistivas situada no campo das representações e dos afetos. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 51, p. 259-277, 2020. Disponível em: <http://revistaadmmade.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/8051/47967538>. Acesso em: 03 dez. 2022.

VERGARA-NUNES, Elton *et al.* Mídias do conhecimento: um retrato da audiodescrição no Brasil. **Datagramazero (Rio de Janeiro)**, v. 11, p.5, 2010. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/712/3/Midias%20do%20conhecimento%20-%20um%20retrato%20da%20audiodescricao%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SOBRE O(A) AUTOR(A)**Michele Negrini**

Jornalista; mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do RS. Realizou estágio pós-doutoral no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9158823819923143>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2999-0186>

E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br

Beatriz Regina Gomes Pereira

Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2119567138253117>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9666-4586>

E-mail: beatrizreginagp@hotmail.com

Ester Caetano

Ester Caetano é educadora, jornalista e pesquisadora. Natural do Rio de Janeiro, mudou-se para o interior do Rio Grande do Sul para cursar Jornalismo na UFPel, onde ampliou seu olhar crítico e sua formação em direitos humanos. Atuou no Nonada Jornalismo com produções voltadas à justiça social e memória histórica. Como pesquisadora, investiga a audiodescrição como ferramenta de acessibilidade e democratização da comunicação. Atualmente, transita entre educação, arte e comunicação, com foco em narrativas inclusivas e transformadoras.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3171665776443796>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2753-2344>

E-mail: estercaetano660@gmail.com

COMO CITAR ESTE ARTIGO

NEGRINI, Michele; PEREIRA, Beatriz Regina Gomes; CAETANO, Ester. “Acessibilidade, inclusão e saúde mental: as percepções de pessoas com deficiência visual sobre a audiodescrição na televisão”.

Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 16, p. 1-23, 2025.

RECEBIDO EM: 07/12/2023

ACEITO EM: 22/11/2024

PUBLICADO EM: 30/04/2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional